

* 7 AGO 1989

7 AGO 1989

As duas *oportunidades que Sarney pode perder

JORNAL DA TARDE

Já dissemos, aqui, recentemente, que a única frase inteiramente feliz do presidente Sarney na sua última aparição na TV, para defender-se das acusações que lhe fizeram os candidatos à sua sucessão, foi aquela na qual definiu a sua impotência política: nenhum economista — disse o presidente — resolverá o problema da inflação; esse é um problema que somente os políticos, com o apoio da sociedade, poderão resolver se quiserem. A citação não é textual, mas o sentido do que disse é esse mesmo. Pois bem, um milagre aconteceu: poucos dias depois de ter afirmado isso para mostrar que não merece a acusação de ser o grande culpado pela sinistra evolução do processo inflacionário, os políticos que têm poder de decisão — os congressistas — declararam oficialmente que querem.

Estamos, portanto, todos os brasileiros, de pleno acordo. Há uma unanimidade neste país.

Há dias um alentado grupo de economistas das mais variadas escolas apresentou ao ministro da Fazenda um elenco de medidas que eles consideram urgentemente indispensáveis para evitar o que consideram inevitável se elas não forem adotadas: a hiperinflação. O ministro está de pleno acordo com eles, mesmo porque só não aplicou ainda essas medidas porque não teve força política para aplicá-las.

Na mesma semana os assessores econômicos dos presidencialistas, em debate público sobre o mesmo problema, realizado em São Paulo, concordaram praticamente **in totum**: não há outro caminho para livrar o país da catástrofe hiperinflacionária senão esse que os economistas apontaram ao ministro e que o ministro sabe que é o único mas até agora não pôde seguir, porque, como disse o presidente, "nenhum economista pode resolver o problema da inflação" enquanto os políticos não se resolverem a resolvê-lo com o apoio da sociedade.

Agora, quando os políticos a que se referia Sarney — os congressistas, com todo poder que lhes deu a nova Constituição — decidem resolver, verificamos que o plano que eles propõem ao presidente contém tudo o que sugeriram os economistas e também os assessores dos presidencialistas.

Quanto à sociedade, alguém duvida de que se o povoão for devidamente esclarecido sobre o que significaria para ele a aplicação séria e competente desse plano, lhe daria apoio entusiástico?

Aqui chegamos à questão que nos levou a redigir este comentário.

Nem o presidente da República, nem as lideranças políticas e nem os meios de comunicação, com algumas exceções, estiveram até aqui à altura da importância crucial do momento que estamos vivendo. Desde antes da posse de Sarney, quando Tancredo ainda era viço, falava-se na necessidade absoluta de um pacto social, para que a famosa transição pudesse chegar a bom termo.

Foam as tentativas para concluir tal pacto fracassaram. Quando todas as esperanças já estavam perdidas, quando todos, a começar pelo presidente e seus ministros da área econômica, já se conformavam com a idéia sinistra de que, se até o fim dos sete meses que restam a este governo tivermos uma inflação oscilando entre os 30 e os 40 por cento ao mês, não nos dar por felizes, surge de forma concreta a possibilidade, senão de um pacto social, mas de um pacto político que certamente teria o apoio de toda a sociedade, a reação de todos ou de quase todos aqueles a quem depende o êxito da iniciativa do Congresso de indifereçável ceticismo.

O presidente, que gosta tanto da televisão, adota uma atitude discreta, de **low profile**, como dizem os norte-americanos, em vez de ocupar cem milhões de vídeos para pegar o Congresso pela palavra, explicando a brasileiras e brasileiros que nunca desejou outra coisa e prometendo-lhes — pela primeira vez com grande chance de não estar enganando ninguém — que entregará ao seu sucessor um Estado financeiramente saneado, e um país em estado de convalescência.

As lideranças políticas, os maiores interessados em primeiro lugar — os candidatos à sucessão de Sarney que há muito deveriam estar exigindo do presidente e do Congresso algo semelhante ao que se está esboçando — continuam interessados apenas no marketing eleitoral.

Quanto aos meios de comunicação, com algumas exceções, custou-lhes dar sinais de que entenderam a importância do que está acontecendo. Muitos jornais não chegaram a colocar na primeira página a notícia da entrega do plano ao presidente e um bom número deles não chegou a publicar o documento do Congresso, limitando-se a comentar em editoriais, quase sempre pouco entusiásticos, aquilo que seus leitores não tiveram oportunidade de ler em suas próprias páginas.

Somente quando o escalques **Globais** contra Mailson vieram à tona, ante esta nova oportunidade de tirar do Ministério da Fazenda alguém que teve o atrevimento de, a certa altura, "atravessar" um negocio de bilhões de dólares suspendendo as conversões da dívida, é que a mídia se assanhou. Será que a oportunidade será jogada fora?

Para Sarney trata-se de uma dupla oportunidade: a de provar que Brizola mente quando diz que o dr. Roberto Marinho manda nele e a de reabilitar **in extremis** o, até aqui, pior governo que o Brasil já teve.